



Evento: XXVII Jornada de Extensão

**RELAÇÕES ENTRE OS PARES E INCLUSÃO ESCOLAR, CONVIVÊNCIA ENTRE
ESTUDANTES COM OU SEM DIAGNÓSTICOS ¹**

**Ana Júlia Veiga ², Taise Neves Possani ³, Fernanda Gollub Pastório ⁴, Laura Eliza
Morais Jappe ⁵, Elis Ana Vargas Martins Leandro ⁶, Richard Noronha Schuquel ⁷,
Manoela Rocha Maia ⁸, Vitória Gabriela Soares Grinke ⁹**

¹ Projeto de extensão desenvolvido e financiado pela Unijuí;

² Estudante do curso Psicologia, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

³ Professor orientador do projeto Inclusão Escolar e Saúde Mental na Docência,

⁴ Estudante do curso Psicologia, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁵ Estudante do curso de Letras, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁶ Estudante do curso Letras Portugues Inglês, participante do projeto Inclusão escolar e Saúde Mental na docência

⁷ Estudante do curso Letras Portugues Inglês, participante do projeto Inclusão escolar e Saúde Mental na docência

⁸ Estudante do curso Letras Portugues Inglês, participante do projeto Inclusão escolar e Saúde Mental na docência

⁹ Estudante do curso Pedagogia, participante do projeto Inclusão escolar e Saúde Mental na docência

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar constitui um dos princípios fundamentais da educação inclusiva, assegurando o direito de todos os estudantes ao acesso, à permanência, à participação e à aprendizagem em ambientes educacionais que respeitem a diversidade. Nessa perspectiva, a escola deve promover não apenas a inserção do estudante com deficiência na classe comum, mas também favorecer relações interpessoais pautadas no respeito, na cooperação e no reconhecimento das diferenças (BRASIL, 2008). A educação inclusiva busca romper com práticas excludentes, compreendendo que a diversidade é um elemento enriquecedor do processo educativo e da formação cidadã.



Entre os estudantes público-alvo da educação especial estão aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse contexto, a relação entre os pares assume papel central, pois as interações com os colegas contribuem para o desenvolvimento das habilidades sociais, do sentimento de pertencimento e da participação efetiva na vida escolar. Assim, práticas de acolhimento, respeito às diferenças e incentivo à convivência colaborativa tornam-se fundamentais para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo (MANTOAN, 2015; CAMARGO; BOSA, 2009).

Diante desse cenário, o presente resumo expandido apresenta reflexões oriundas de um projeto de extensão desenvolvido em uma escola, por meio da observação das relações entre estudantes típicos e estudantes com TEA. A proposta teve como objetivo compreender como se estabelecem as interações entre os pares no cotidiano escolar, identificando aspectos que favorecem ou dificultam a inclusão e destacando a importância das relações sociais para a promoção de uma educação pautada na equidade e na valorização da diversidade.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de observações e diálogos realizados em uma escola. As atividades foram conduzidas por alunos voluntários e bolsistas vinculados ao projeto, com o objetivo de compreender as relações de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (e outras necessidades educacionais específicas).

Durante as visitas, foram realizadas observações do cotidiano escolar, buscando compreender como os estudantes percebiam e interagiam com os colegas com TEA e outras condições. Além disso, foram realizadas conversas informais com os alunos, a fim de identificar suas percepções sobre a convivência, a inclusão e as relações estabelecidas no ambiente escolar.

Também foram realizados diálogos com os professores, visando compreender como ocorre a interação dessas crianças com os demais colegas, relacionados à participação e ao pertencimento dos estudantes no contexto da sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



As observações realizadas durante o projeto de extensão evidenciaram que a convivência entre estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus pares ocorre de maneira heterogênea, revelando tanto experiências de acolhimento quanto situações de exclusão. De modo geral, verificou-se que a maioria dos estudantes com TEA era bem aceita pelos colegas, participando de atividades e estabelecendo vínculos afetivos, ainda que apresentassem algumas limitações nas interações sociais e na comunicação, o que, em determinados momentos, dificultava sua participação em atividades coletivas.

Entretanto, um dos estudantes observados apresentava algumas crises comportamentais durante o período escolar. Essas situações provocavam insegurança e receio nos demais alunos, que passaram a evitar sua aproximação e excluí-lo de algumas atividades e momentos de interação. Observou-se que essa exclusão não estava relacionada diretamente ao diagnóstico de TEA, mas às dificuldades dos colegas em compreender e lidar com os comportamentos manifestados durante as crises.

Esses achados dialogam com os resultados encontrados por Agripino-Ramos, Lemos e Salomão (2019), que identificaram que crianças com desenvolvimento típico tendem a perceber e reconhecer as características dos colegas com TEA, podendo demonstrar atitudes de acolhimento, cuidado e preferência pela convivência com esses estudantes. No entanto, os autores também apontam que comportamentos considerados difíceis ou incompreendidos podem limitar as interações, reforçando a importância da atuação dos educadores como mediadores das relações sociais e promotores de práticas inclusivas. Dessa forma, as observações realizadas reforçam que a inclusão escolar ultrapassa a simples presença do estudante com TEA na sala de aula. É necessário investir em estratégias de sensibilização, mediação e fortalecimento das relações entre os pares, possibilitando que todos os estudantes compreendam as diferenças, desenvolvam atitudes de respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados, observa-se que a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) depende não apenas de sua presença no ambiente



escolar, mas, sobretudo, da qualidade das relações estabelecidas com os colegas e professores. As observações realizadas evidenciaram que, embora existam experiências positivas de acolhimento e convivência, ainda persistem desafios relacionados à compreensão das diferenças e ao manejo de comportamentos decorrentes das especificidades do TEA. Nesse sentido, destaca-se a importância da atuação da escola na promoção de ações de sensibilização, mediação e fortalecimento das relações interpessoais, favorecendo o respeito à diversidade e o desenvolvimento de uma cultura inclusiva. Assim, a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo requer o envolvimento de toda a comunidade escolar, possibilitando que todos os estudantes tenham garantidos seus direitos de participação, aprendizagem e pertencimento.

Palavras-chave: Autismo. Educação Escolar. Inclusão.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com o apoio do Programa de Bolsas de Extensão (PIBEX/UNIJUÍ) e do Programa Professor do Amanhã, aos quais expressamos nosso agradecimento pelo incentivo à formação acadêmica, à pesquisa e às experiências de integração entre universidade e comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012.
- CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.
- AGRIPINO-RAMOS, C. S.; LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R. **Vivências escolares e transtorno do espectro autista: o que dizem as crianças?** Revista Brasileira de



Educação Especial, Bauru, v. 25, n. 3, p. 453-468, jul./set. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/7wrbFcq8MFgGgW77FbqMD5r/>. Acesso em: 5 ago. 2026.